

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE TELEVISÃO E EDUCAÇÃO¹

Claudio Benito Ferraz²

"Ninguém sabe nada
Ninguém sabe nada
Ninguém sabe nada"
(TITÁS)

RESUMO: As transformações por que passa o mundo atual, leva à necessidade de redimensionamento das instituições e práticas pedagógicas. O poder da informação, da televisão em particular, produzindo formas mediatizadas de percepção, auxilia a tendência de se construir novas formas de gostos, condutas e valores, que a escola deve estar atenta para, pedagogicamente falando, permitir a construção de posturas nos alunos, não de meros usuários de controle remoto, mas de observadores críticos e criativos perante a TV, retraindo nesta o potencial icônico de ampliação da visão de mundo via um redimensionar dos signos presentes na linguagem, do poder do discurso da sala de aula.

PALAVRAS CHAVES: Mídia; Escola; Informação; Signos.

INTRODUÇÃO

Como professor de Prática de Ensino do curso de Geografia, além de ministrar as disciplinas de Antropologia da Educação e Educação e Mudança Social para o curso de Pedagogia, a preocupação com a crise que atravessa o sistema educacional brasileiro está sempre presente. Dentre as inúmeras facetas com que esta crise se apresenta, uma chama particularmente a atenção, aquela que traz à escola para as novas características culturais da sociedade brasileira neste fim de século.

As mudanças ocorridas no cenário mundial refletem um novo padrão de comportamento do homem perante este mundo e suas instituições, seus valores morais, seu senso estético, sua forma de absorver as informações (cada vez mais rápidas e em maior quantidade), enfim, sobre toda vida deste homem.

O Brasil, como território inserido neste processo, sofre as conseqüências dessas mudanças econômicas, tecnológicas e políticas com a especificidade de uma nação dependente, com graves problemas sociais, e delicada crise institucional. Perante este quadro genericamente esboçado, forças contraditórias, conflitantes e paradoxais vão se relacionando de forma ainda imprecisa quanto aos rumos a serem tomados.

É no interior deste contexto que tento entender a escola brasileira, em toda sua máquina institucional-burocrática, visando encontrar uma redefinição de suas funções perante esses interesses e forças que se delineiam na sociedade.

É no interior desta instituição que tento entender o professor e o aluno estabelecendo relações complexas durante o processo ensino-aprendizagem. Como dois desconhecidos que se encontram secularmente na sala de aula, mas que atualmente não conseguem mais estabelecer comunicação possível de entendimento mútuo. As condições em que se estabelecia o encontro mudaram, e eles não se aperceberam, daí a incompreensão do diálogo - ou do não diálogo - onde cada parte fica buscando seus referenciais para estabelecer representações passíveis de mútuo entendimento.

O aluno de hoje, em sua maioria, recorre aos referenciais informativos que tem à mão para perguntar ao professor o que está acontecendo com o agora.

O professor procura na abstração de um tempo já passado, considerado heróico, as respostas que são desenhadas na lousa, na

¹ Este artigo faz parte do projeto de pesquisa Geografia e Mídia: Uma Pesquisa em Torno das Relações Entre Sala de Aula e o Telejornal.

² Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - Estado de São Paulo - Brasil.

velocidade e nos limites do giz, do livro didático, da caderneta de chamada, das 40 horas por semana.

O local onde se dá o encontro parece mais o eterno retorno do Mito da Caverna, onde apenas as sombras vislumbradas na escuridão das paredes servem de parâmetros para construir as práticas e experiências de ensino - cotidianamente reproduzidas.

Portanto, vamos nos tornar mais palpáveis e buscar a luz. Como a questão aqui esboçada é de extrema complexidade, vamos nos ater a dois elementos que permitirão exemplificar nossas elucubrações. A linha norteadora de nossas interrogações se atem ao processo ensino-aprendizagem e como ele se dá hoje em sala de aula (1º elemento) a partir da função educadora praticada pela televisão (2º elemento) fora da sala de aula. Vamos iniciar com a fala de um ilustre entendido em televisão, o Sr. Roberto Marinho, da Rede Globo de Televisão. Esta fala foi selecionada não pelo fato de ser a do presidente da maior rede de televisão do país, mas por expressar bem o sentido da reflexão que norteará este capítulo, além do aspecto de ser a Rede Globo a que geralmente aponta a tendência a ser seguida pelas demais redes de televisão.

"Hoje em dia, mais do que em qualquer período de nossos tempos, os conceitos de história e de jornalismo mantêm uma total afinidade. Convivem tão intimamente que tentar separá-los resultará em grave erro de avaliação histórica ou em imperdoável falha de compreensão do fenômeno jornalístico" (Rede Globo, 1984, p. 5).

Esta colocação do Sr. Roberto Marinho a respeito da relação jornalismo/realidade dos fatos históricos, instiga à reflexão pelo fato de supervalorizar o caráter de exatidão da reprodução da realidade presente na informação televisiva. Esta idéia chega a assustar, principalmente se for resgatado a capacidade da televisão mudar o sentido dos acontecimentos, ou recriá-los, conforme os determinantes ideológicos e políticos em jogo, ou segundo os padrões técnicos da linguagem televisiva.

Essa capacidade de "recriação" acaba gerando uma forma de ver os acontecimentos que permeiam a realidade como se fossem um espetáculo de luzes, efeitos e ludicidade. Este caráter de "espetáculo" acaba por criar um "hábito" ou um "amortecedor sensitivo", onde os fatos da realidade só são encarados como reais a partir da estética comunicativa passados na televisão.

Assim a televisão passa a ser uma força mediatizadora que interfere diretamente nos processos de captação e representação dos fatos, afetando as formas em que os indivíduos percebem e criam sua noção de mundo, principalmente aqueles que só possuem a televisão como processo informativo e, porque não, pedagógico.

A influência desta força mediatizadora torna-se mais preocupante em relação as crianças e jovens que hoje tem acesso à televisão desde cedo, tendo a esta (TV) como ponto de referência para

muitas posições e perspectivas na vida em sociedade.

Como este artigo visa discutir o papel da televisão na elaboração de certos referenciais na vida cotidiana dos indivíduos, principalmente adolescentes, tem de se ter claro que a maioria das pesquisas sobre este temário, atêm-se a indivíduos adultos que, no caso específico do Brasil, "não contaram com aparelho televisor na infância".

"São pessoas que tiveram seu processo de socialização de uma forma que outras instituições sociais (...) desempenharam papel muito mais relevante que a televisão. Como se sabe, depois que o núcleo central de convicções de uma pessoa está formado e consolidado e esta pessoa se torna adulta, as mudanças dramáticas são pouco prováveis de ocorrer" (Silva, 1985, p. 61).

É em cima desta observação que torna-se mais importante ainda produzir pesquisas que levem a melhor entender o papel da TV na elaboração de valores, comportamentos e idéias entre os jovens que tiveram a maior parte de seu processo de socialização, direta ou indiretamente, mediatizado pela televisão.

"As crianças que se socializaram através da televisão ou que tem nela um agente socializador importante (...) possuem, pelo simples fato de serem crianças, chances muito menores de confrontar a representação do real feita pela TV com outras fontes (...) Deste modo, o poder de influência da TV sobre elas é muito maior" (Silva, 1985, p. 12).

Torna-se necessário, portanto, melhor entender este "poder de influência", bem como aprofundar em análises que contribuam para as crianças poderem dominar melhor as informações passadas pela TV.

É de fundamental importância colher informações mais precisas a respeito da relação TV/adolescente para melhor subsidiar a escola no trato deste veículo informativo, portanto, torna-se necessário melhor discutir o papel da televisão perante a escola atual. Como a escola pode contribuir para que os indivíduos possam melhor utilizar e se posicionar frente a este veículo?

TELEVISÃO E ALUNO - PERIGOS E LIMITES DE INFLUÊNCIA

Na tentativa de buscar elementos que nos auxiliem a responder, ou melhor tentar entender os caminhos que a questão colocada no final da introdução aponta, vamos aqui seguir uma trilha que visa discutir a relação escola/televisão, uma relação conflituosa, mas de base pedagógica, como forma de integração indivíduo/sociedade, que estabelece normas mínimas de referenciais de conduta e representações sociais.

"Nas sociedades atuais, a televisão desempenha um papel muito importante na dimensão semântica do processo de socialização, fornecendo significações (mitos,

símbolos, representações), preenchendo o universo simbólico das crianças com imagens irreais que pretendem representar o real, e transmitindo o saber acumulado. Através destas imagens a televisão apresenta às crianças e adolescentes as normas da integração". (Belloni, 1992, p. 205-6).

Este é o principal perigo apontado pelos estudiosos da questão quanto a influência da televisão à sociedade e, principalmente, em relação as gerações nascidas a partir dos anos 70, que tiveram, e terão, contato com a TV de forma mais intensa e constante.

Felipe Fortuna em artigo publicado na Folha de São Paulo, arrola que se "existe uma arte da televisão é porque existe uma arte da mentira", com isso ele quer apontar que na televisão a informação "desaparece para dar lugar ao ambiente, ao território da imagem e do som, onde a informação fica vinculada à reorganização fraudulenta do espaço e tempo".

Exemplificando esta delicada afirmação, Fortuna resgata a participação da mídia, mais especificamente do telejornalismo da CNN, no registro da Guerra do Golfo, onde milhões de telespectadores podiam ver ao vivo os bombardeios ao Iraque por aviões americanos com imagens "tomadas de dentro dos aviões e até mesmo o trajeto dos mísseis", que desvirtuaram a capacidade de melhor entendimento da guerra, bem como deslocavam as informações dramáticas de uma guerra "para um espetáculo high-tech de proeza".

Este exemplo aponta para as características que as informações televisivas tendem a tomar nos próximos anos, o que permite vislumbrar que a televisão permitirá uma submissão do telespectador a um registro dos acontecimentos apenas imediatos, auxiliando na elaboração de uma memória restrita a acontecimentos ocorridos nos últimos dias, o que fortalece a "perda da posse do real e a ideologia do espetáculo" (Folha de São Paulo, 06/06/93), ampliando a perda da capacidade de memória do indivíduo, num círculo de efeitos tenebrosos.

Esta perspectiva apontada por Fortuna leva a necessidade de tomar medidas mais profundas para que se consiga um comportamento mais saudável do indivíduo e da sociedade perante os meios de comunicação. O mundo de hoje não pode mais viver sem a televisão, mas não pode ficar passivo perante os processos de produção e divulgação de informação via TV e os jogos de interesses que atuam por trás da telinha. Mas será assim tão inevitável e catastrófica o poder da televisão em nossa sociedade?

Os avanços científicos e tecnológicos dos últimos anos têm levado à mudanças profundas nas relações culturais e dos hábitos humanos na sociedade como um todo.

"A nova era da computação esta instituindo um novo mundo, ou melhor, uma relação totalmente diferente do homem com seu meio e com suas idéias. Além de alterar o ambiente, o trabalho, as relações sociais e

personais, ele introduz uma nova lógica, uma nova estrutura de pensamento". (M. Filho, 1988, p. 103).

A televisão faz parte de todo este processo de transformações sócio-culturais porque passa a sociedade capitalista atualmente, tanto as de economias e tecnologias "avançadas", como as do chamado mundo "subdesenvolvido", em que os efeitos destas transformações aguçam ainda mais as séries de contradições sócio-econômicas. Dentro deste quadro, a televisão é mais um componente nesta série de mudanças e contradições, do que causa prioritária que determina as transformações e comportamentos, sendo que o efeito da TV sobre a sociedade é muito mais consequência da série de fatores sócio-culturais-tecnológicos.

Visando ampliar e complexizar ainda mais esta questão, citamos pesquisa realizada por um grupo de cientistas ingleses (Himmelwert, Oppenheim e Vince) quanto ao efeito da televisão nas crianças; os apontamentos foram os seguintes:

- Excesso de televisão permite uma "atividade mental passiva".
- A televisão pode levar a criança a uma "preferência pela vida fabricada, em prejuízo de sua própria vida".
- A televisão pode provocar uma postura de mero espectador, levando a perda da iniciativa.
- A televisão pode incapacitar as "emoções autênticas" (M. Filho, 1988, p. 108).

Apesar desta pesquisa apontar a "tendência" aos possíveis perigos que o excesso de televisão pode causar às crianças e indivíduos, esta não pode garantir que estes perigos vão ocorrer com 100% de acerto, pois inúmeros outros fatores interferem nesta relação Televisão/criança (indivíduo). Dentre estes fatores, os principais são os dados sócio-culturais e psicológicos que permitem posturas diferenciadas e estruturas morais diversas para cada indivíduo ou grupo familiar.

"Numa família apática, sem iniciativa, sem manifestação de emoções, a criança apresentará esses mesmo comportamento independente da TV. Inversamente, a televisão não encontrará terreno em ambientes que por si estimulem características positivas". (M. Filho, 1988, p. 108).

Outra observação importante a ser feita, e que aqui já foi apontada, é que a televisão não age sozinha, esta atua no interior de aspectos sócio-culturais que reforçam os processos de deturpação e interferência excessiva da TV no comportamento dos indivíduos.

"Culpar a TV pelos desvios, pela violência, pela imoralidade é limitar os resultados de uma investigação: a TV é feita por homens, em determinada época, com determinados interesses e ideologia. Ela é apenas seu instrumento de reforço. Sem ir buscar na sociedade que está por trás dela a causa de todos os efeitos que aparecem pela TV, jamais se irá chegar a alguma coisa". (M. Filho, 1988, p. 108).

Desta forma tem de se ter claro que a TV possui o poder de recriar o sentido original dos fatos, tendo grandes possibilidades de influenciar na elaboração de valores e posturas, e que este poder é maior quanto maior for o contato do indivíduo desprovido de condições mínimas para analisar e comparar as informações da televisão. No entanto, a crítica a este grau de influência tem que ser contextualizada a partir das condições econômicas e socio-culturais que permeiam determinado grupo social e o indivíduo que dele faz parte.

Neste aspecto que o papel da escola como instância que tem as condições de produzir uma reflexão sobre o uso da televisão, e propiciar uma postura mais esclarecida do usuário perante o sentido e efeitos produzidos por esta, torna-se de vital importância.

TELEVISÃO E ESCOLA: CONCORRÊNCIA E COMPLEMENTARIDADE

A escola não pode incorrer no erro de renegar a televisão, classificando a esta como detentora de todo o mal da aprendizagem dos alunos; e nem pode querer substituir a sua estrutura de ensino-aprendizagem pela da televisão. Ambas as posturas são perigosas por não trabalharem com a devida clareza a relação Televisão/educação.

Esta dupla postura advem do fato da televisão ter-se tornado uma grande concorrente da escola.

"Em todo mundo contemporâneo coexistem duas fontes de informação e de saber para crianças e adolescentes: a escola convencional, da escrita e do livro, com suas disciplinas separadas e seus ciclos de progressão; e face a ela, em torno dela e em todas as partes, a escola paralela da mídia, cujas técnicas, funcionamento, modos de apresentação e mesmo os conteúdos são radicalmente diferentes dos da escola, e exercem sobre a inteligência, a afetividade e a personalidade moral uma influência considerável, nem sempre em consonância com os objetivos conduzidos pela escola". (UNESCO apud Belloni, 1992, p. 208)

Certas pesquisas realizadas (Belloni, 1992, p. 208) apontam que os jovens brasileiros chegam a ficar em média mais de 4 horas em frente a TV, tempo maior que o permanecido em sala de aula, e possuem uma opinião muito positiva em relação a televisão enquanto meio de informação, aprendizagem e lazer.

As informações transmitidas pela televisão são estruturadas de tal forma que criam condições favoráveis de recebimento destas por parte dos telespectadores. Quando este telespectador é um aluno, a série de informações transmitidas em tom de espetáculo, atrai a atenção deste que senta com prazer em frente a telinha, o que não ocorre na sala de aula. Não sendo obrigado a memorizar, nem a refletir mais profundamente sobre as questões e dados passados pela TV, as informações são aceitas com prazer e comodidade.

"A TV, então como meio de transmissão de informações, concorrendo com a aula, vence-a por todos os motivos apresentados: é mais ágil, mais imaginativa, e mais colorida e barulhenta, e veiculadora do novo, do que está em moda, libera as pessoas da submissão à presença física do educador, permite liberdade de escolha supostamente maior, aparenta dar maior informação, preenche o imaginário com signos de cultura, dá espaço ao individualismo, ao isolamento, ao não me amole (...) exerce um fascínio e uma atração que a aula não consegue obter" (Cardoso, p. 105).

A concorrência que a televisão estabeleceu para com a escola, ampliou a crise da educação, levando a vários questionamentos e críticas quanto aos processos de transmissão e dos conteúdos trabalhados nas escolas - geralmente uma série de informações abstratas, distantes da vida do aluno, meramente decorativas e mecanicamente reproduzidas.

É claro que estas observações já vinham de longe, mas a televisão aguçou os limites destas práticas educativas, chamando a atenção dos educadores para uma necessária "renovação" da postura da escola e da educação perante o aluno e processo ensino-aprendizagem.

A partir desta constatação, muitos educadores optaram por imitar a televisão como forma eficiente de aprendizagem, como é o caso da "didática de cursinho", onde os educadores subsumem o conteúdo ao espetáculo da sala de aula, ou então, como aconteceu em certas escolas, substituem o professor pela televisão.

Ambas as posturas não tenta resolver concretamente o problema da melhoria do processo ensino-aprendizagem. Primeiro porque nenhuma "didática espetáculo", por mais elaborada que seja ao atrair a atenção do aluno, não conseguirá reproduzir o fascínio da TV, além de, como na TV, reduzir a aprendizagem a uma série de informações superficiais, sem uma devida reflexão e profundidade - não instiga o aluno a pensar e a criar.

Em segundo, a televisão não tendo contato direto com o aluno, não tem condições concretas de produzir um conhecimento mais elaborado, fruto de um esforço maior e coletivo.

Falta à televisão "a magia que o relato oral oferece, pelo contato direto - forma de comunicação que só a atividade docente comporta" (Cardoso, p. 106). Este contato direto professor/aluno é que permite uma relação mais humana e completa de aprendizagem, não só por trabalhar com o inesperado, mas por permitir um maior envolvimento do aluno num processo mais eficaz e durável de ensino.

Cabe a escola, portanto, evitar a posição de negar qualquer valor à televisão, pelo fato já exposto aqui de que a "educação, dentro de poucos anos, estará fortemente(...) associada aos meios de comunicação" (Magaldi, 1986, p. 30), se já não estiver, o que torna impossível pensar num

processo sério de ensino-aprendizagem sem o uso da TV e demais recursos tecnológicos.

A partir disso a escola não pode, assim como o educador, começar a introduzir a televisão e recursos congêneres à sala de aula sem uma devida análise destes, fazendo com que estes venham em auxílio de uma renovação qualitativa do ensino e não como muitos pensam, venham substituir a ação docente.

Tarefa da escola hoje em dia passa a ser a necessidade de trilhar mais este caminho, ou seja, diante das inovações tecnológicas e técnicas, cabe a escola assumir estes novos padrões de comunicação e de percepção da realidade, fazendo uma leitura destes segundo uma dupla perspectiva de análise: 1^o) Como instrumento pedagógico; 2^o) Como objeto de estudo.

"A integração da mídia à escola tem necessariamente que ser realizada nestes dois níveis: enquanto objeto de estudo, fornecendo às crianças e adolescentes os meios de dominar esta nova linguagem. E enquanto instrumento pedagógico, fornecendo aos professores suportes para a melhoria da qualidade do ensino, altamente eficazes por que adaptadas ao universo infantil" (Belloni, 1992, p. 108-209).

Esses dois níveis de atuação da escola visam integrar a pluralidade de informações, tecnologias e usos que a complexidade e dinamismo de nossa sociedade fazem dos recursos e aparelhos informativos atuais (televisão, vídeo, computador, etc), de modo que o indivíduo que passe pela escola tenha condições de melhor ler o mundo de hoje.

Nas décadas de 60 e 70, as críticas feitas à televisão e ao Mass-Mídia, se atinham, em grande parte, às relações destes com os interesses ideológicos dos Estados e elites governantes, identificando o caráter de massificação e alienação presentes nestes veículos. Atualmente, com a diversidade de equipamentos e tecnologias (controle remoto, TV a Cabo, TV interativa), a crítica e análises feitas sobre veículos não pode mais se ater aos identificados nos anos 60 e 70.

Atualmente a mídia e a televisão são pluralidades "incontroláveis de mensagens que cada um usa e compõe como quer, com o controle remoto. Não que mude a liberdade do usuário, mas o que muda com certeza é o modo como ele é ensinado a ser livre ou controlado" (Eco, 1984, p. 179) perante o mundo mediatizado pela TV.

É no interior desse quadro muito mais amplo e complexo que a escola deve se assumir para permitir que o aluno, e não só este, não seja apenas um "operador de controle remoto", mas que saiba reagir diante dos meios de comunicação de massa; que consiga "discutir a mensagem que está recebendo" e perceber seus diversos significados e modos de interpretação.

Desta forma a escola dará subsídios para o aluno não só ampliar sua capacidade de leitura da televisão, mas dará a este condições de

manusear a TV de forma a saber apreender os limites e possibilidades desta perante o mundo.

Para atingir tal objetivo, propõe-se aqui, partindo da leitura de Maria Luiza Belloni, uma série de atividades que a escola precisa desenvolver conjuntamente e integradamente às novas condições que a sociedade apresenta:

1. Aprofundar o conhecimento dos "aspectos técnicos da produção e transmissão de mensagens televisuais".
2. Exercitar a capacidade de distinguir elementos reais e fictícios da mensagem.
3. Compreender a montagem e os modos de funcionamento das mensagens.
4. Compreender as diferentes formas de influência das mensagens televisivas sobre comportamento humano.
5. Aprofundar uma postura crítica quanto a violência presente nas mensagens ficcionais e informativas.
6. Desenvolver a capacidade de percepção perante as diferentes formas de representação dos eventos sociais, econômicos e políticos nas mensagens" (Belloni, 1992, p. 209).

Mas estes objetivos e atividades só poderão ser satisfatoriamente implementados, caso a análise e o entendimento dos processos simbólicos com que a TV trabalha as informações, forem adequadamente esclarecidos.

TELEVISÃO E NÍVEIS DE COMUNICAÇÃO SÍGNICA

A síntese das propostas de Maria L. Belloni passa pelo necessário entendimento da própria estrutura sígnica presente nas formas com que as informações e imagens são montadas e veiculadas pela TV. Só na compreensão desta estrutura simbólica, enquanto meio e veículo de comunicação, é que a desmistificação da televisão tornar-se-á possível.

Para melhor entender o que se está colocando aqui, optou-se tomar por base a Teixeira Coelho (1980) que aponta a televisão trabalhando aos processos de informação e comunicação via três níveis de signos:

- **Ícone:** que possibilita ao seu receptor conhecer o objeto representado. Revela o novo, o desconhecido. Desenvolve a Consciência Icônica, baseada na intuição, na empatia, no "sentir com o objeto", opera com o sentir e exige a contemplação, daí ser potencialmente alienante, mas ao mesmo tempo não é passível de controle, sendo uma consciência em aberto.

- **Índice:** que possibilita reconhecer um objeto já conhecido. Desenvolve a Consciência Indicial, que procura formar juízo de valor, (certo/errado, bom/ruim, etc), permitindo a constatação dos fatos.

- **Símbolo :** permite conhecer o objeto representado através dele (pela palavra), possuindo um potencial revelador, ao mesmo tempo que não garante conhecer o objeto em sua inteireza. Desenvolve a Consciência Simbólica, que investiga e produz convenções e normas. É a fundamentação do processo de logicização da razão humana.

A televisão trabalha com estes 3 níveis de signos, como aponta o trabalho de Heloisa Dupas Penteado que, tomando como ponto de partida o ícone televisivo, e o perigo da necessária contemplação que ele exige da consciência, demonstra a capacidade de inovação presente no ícone, por exercitar os aspectos subjetivos e sentimentais dos telespectadores - provocando um Consciência em aberto, de difícil controle dos resultados por parte daqueles que emitem a mensagem.

Para evitar esta "perda de controle da mensagem", a televisão utiliza do símbolo, da palavra, como meio de limitar a consciência icônica via a lógica da razão dominante, produzindo uma consciência indicial, ou seja valores e padrões de comportamentos segundo uma determinada moral - daí a televisão sempre trabalhar com os estereótipos de bem e mau, certo e errado, bom e ruim, etc.

"A imagem, o ícone, é importante na comunicação porque atraente, arrebatadora das atenções. É preciso entretanto cercá-la, de tal modo que ela arrebate e fascine os espectadores no sentido do funcionamento do sistema (...) No sentido de conquistar as pessoas para agirem de tal forma, que o sistema funcione enquanto tal.

"É principalmente através da fala que o processo de redução do poder comunicador da imagem é reduzida para dimensões permitidas". (Penteado, 1991, p. 59).

Nesse ponto é que se resgata de novo o papel da escola em relação a televisão. Esta (a TV) tende a transformar o ícone em índice comportamental, via o símbolo cerceador da palavra, que tenta limitar o potencial inovador e revelador da imagem icônica, acentuando os aspectos de contemplação e de mero observador que o telespectador possui frente a telinha; recheando esta imobilidade com falas que tendem a indicar formas dominantes, pré-estabelecidas, de comportamento, valores e idéias.

No entanto, por partir do ícone, a repetição da imagem potencializa outras formas de ver as coisas, daí o discurso da escola ter função de romper com os índices padronizados de comportamento através da utilização de símbolos que apresentem formas outras de se entender a mensagem, exercitando no aluno o ato de ler as imagens de maneira não passiva ou meramente contempladora.

O que se tem, portanto, é a capacidade da escola em utilizar da "palavra" como forma de ampliação do conhecimento da realidade do educando. Conclui-se daí que a escola terá que readaptar-se e reeducar-se quanto ao uso da palavra como fonte de ampliação dos horizontes, da criatividade e da capacidade de análise crítica do aluno perante o mundo e a televisão.

Na escola atualmente, o uso dos signos não visam a ampliação do conhecimento, mas "configura uma operação mecânica de acoplagem do conhecimento escolar sobre o conhecimento existencial do aluno" (Penteado, 1991, p. 107) ou seja, é o mundo das palavras, dos livros didáticos, que é imposto à memorização do aluno, que deverá incorporar, conjuntamente a estes conteúdos abstratos, as normas de conduta e comportamento. Usa-se o ícone (o livro didático, os exemplos em aula) para se compreender o discurso, a palavra, o símbolo em si, e não ao contrário: fazer uso do símbolo como forma de ampliar a compreensão do ícone, a partir da comparação deste com a realidade vivida pelo aluno.

Eis a difícil tarefa da escola, que terá de adaptar-se as condições atuais em que os meios de comunicação e a sociedade como um todo se apresentam. Terá de saber melhor que sociedade é esta, que mundo é este, como única forma de preparar o aluno para que tenha condições de melhor analisar e responder a afirmação do Sr. Roberto Marinho colocada no início deste artigo. Que tenha condições de distinguir e apreender a relação que se estabelece entre história e informação televisiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- | | |
|--|--|
| <p>01. BELLONI, M. L. Formação do Telespectador: Missão Urgente da Escola : In: ____ Escola Básica. Campinas: Papirus, 1992.</p> <p>02. COELHO, T. J. Semiótica, informação e comunicação. São Paulo: Perspectiva, 1981.</p> <p>03. ECO, U. Viagem na irrealidade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.</p> <p>04. M. FILHO, C. Televisão: A Vida pelo Vídeo. São Paulo, Moderna, 1988.</p> | <p>05. FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 06 junho 1993.</p> <p>06. MAGALDI, S. Dizeres sobre teleducação. Orientação, nº 7, 1986.</p> <p>07. PENTEADO, H. D. Televisão e Escola: conflito ou cooperação? São Paulo, Cortez, 1991.</p> <p>08. REDE GLOBO: 15 Anos de História. Rio de Janeiro: Globo, 1984.</p> <p>09. SILVA, C. E. Muito além do jardim botânico. São Paulo, Summus, 1985.</p> |
|--|--|